

32. Não há como não sentir medo

Dilziane Labonte Orlando

Meu nome é Dilziane Labonte Orlando, sou do povo Palikur-Arukwayene, moro em Macapá, sou acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP), também sou mãe de um menino de três meses.

Os primeiros casos da COVID-19 chegaram em Macapá algumas semanas após o nascimento do meu filho, ou seja, nós já estávamos isolados por conta do período de licença-maternidade e, próximo ao fim desse período, começou o isolamento na cidade, motivado pelo crescente número de casos de COVID-19. Nesse momento vi a saúde das pessoas da minha família ser ameaçada por esse vírus, do qual até então pouco se sabia a respeito. Apesar do meu bebê e eu estarmos isolados, meu marido trabalhava com público em um órgão da Polícia Estadual e, hoje, trabalha ainda mais próximo ao público, como Agente de Saúde na parte educativa da comunidade. Nos adequamos às medidas rígidas de prevenção dentro e fora de casa.

As aulas presenciais das escolas e universidades foram suspensas na cidade. Entretanto, para não haver atrasos no calendário acadêmico, o IESAP, assim como outras faculdades privadas, adequou plataformas para aulas virtuais. Talvez seja essa a única coisa boa no meio dessa calamidade mundial pois, com essas medidas, eu pude estudar e ficar com meu bebê que, nessa idade, precisa muito que eu esteja próxima.

Mas eu penso na família... Além de ter que lidar com a saudade de estar há tanto tempo distante, veio também a preocupação, o medo e o sentimento de incapacidade por não poder ajudar imediatamente caso fosse necessário. Meus pais são do grupo de risco pela idade, e nós, indígenas, de maneira geral, temos uma fragilidade em relação à esse tipo de doença. Não há como não sentir medo, a família do meu marido perdeu pessoas próximas, amigos e familiares. Cada notícia desse tipo que ele me contava fazia vir em minha cabeça a memória da minha família. Penso em meus pais e em meus familiares que moram em Cayena, principalmente agora, que a COVID-19 já se manifestou no meio deles. Penso nos meus amigos e parentes da minha Aldeia Kumenê, penso nas outras etnias e tenho medo porque sei que no passado muitos indígenas morreram vítimas de pandemias e doenças virais.

Macapá, Amapá, Brasil

21 de junho de 2020